

Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

8 | 2017

Dossiê "5º Congresso Brasileiro de Geografia – 100 anos"

Relatos, esboços e cadernetas de campo

Objetos cartográficos entre a materialidade e a invisibilidade

Narratives, sketches and field notebooks: cartographic objects between materiality and invisibility

Relatos, bosquejos y cuadernos de campo: objetos cartográficos entre la materialidad y la invisibilidad

Récits, croquis et carnets de terrain: les objets cartographique entre la matérialité et l'invisibilité

Maria do Carmo Andrade Gomes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/2058>

DOI: 10.4000/terrabilis.2058

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Maria do Carmo Andrade Gomes, « Relatos, esboços e cadernetas de campo », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8 | 2017, posto online no dia 27 junho 2017, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabilis/2058> ; DOI : 10.4000/terrabilis.2058

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Relatos, esboços e cadernetas de campo

Objetos cartográficos entre a materialidade e a invisibilidade

Narratives, sketches and field notebooks: cartographic objects between materiality and invisibility

Relatos, bosquejos y cuadernos de campo: objetos cartográficos entre la materialidad y la invisibilidad

Récits, croquis et carnets de terrain: les objets cartographique entre la matérialité et l'invisibilité

Maria do Carmo Andrade Gomes

- 1 Existe uma peculiar categoria de objetos cartográficos que podem nos trazer interessantes reflexões sobre as condições históricas e materiais de produção dos mapas e do trabalho de campo, assim como sobre as formas de preservação e uso das fontes documentais para uma história da cartografia que se interessa por esses aspectos usualmente pouco investigados. Referimo-nos aos relatórios, esboços e cadernetas de campo, recursos imprescindíveis ao trabalho sobre o terreno de todo geógrafo, topógrafo, geodesta, enfim, de todo cartógrafo,¹ pelo menos até o advento dos recursos digitais. Ao lado dos instrumentos técnicos, esses antigos manuscritos dos cálculos e da observação direta da paisagem constituíam o aparato que permitia ao cartógrafo decifrar e registrar *in loco* os dados que, organizados e processados no gabinete, faziam surgir a imagem do território palmilhado.
- 2 Coletivos ou pessoais, esses produtos eram objetos íntimos do fazer cartográfico em sua dimensão empírica, porque íntimos da paisagem, de onde saíam carregados de poeira, e íntimos do cartógrafo, do qual traziam manchas de suor e gordura. Veículos do trânsito entre o mundo e o mapa, esse rascunhos, quando transportados para os gabinetes, levavam consigo toda a experiência da viagem e da pesquisa. Nas mais diversas experiências de mapeamento, sejam viagens exploratórias de um mundo desconhecido, sejam expedições sistemáticas de espaços previamente recortados, os produtos do trabalho de campo – textos, desenhos descritivos, esboços de roteiros, cálculos geodésicos

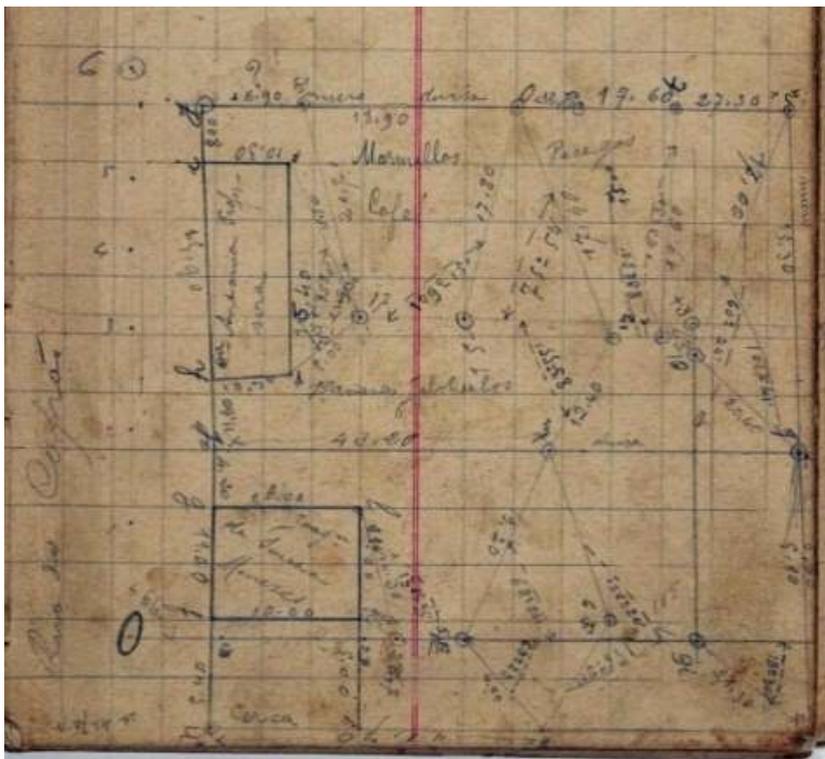
- eram ferramentas que, em sua maior parte, desapareciam uma vez processados os dados, sistematizadas as coordenadas, estabelecidos os cálculos.
- 3 Uma vez fabricado o mapa, as cadernetas de campo e os relatórios de campo tornavam-se invisíveis, ou seja, quando não publicados como memórias ou relatos oficiais, eram descartados ou confinados em arquivos, como documentos de segunda ordem. Não transitavam entre o mapa e o mundo. Como vestígios de um processo, o mapeamento, que apagava suas pegadas sobre o terreno uma vez cristalizado o seu produto, o mapa, pode-se presumir o quanto a preservação desses documentos desvalorizados é rara.
 - 4 Para ilustrar essas reflexões, pretende-se trabalhar com duas séries de documentos: as cadernetas de campo da Comissão Construtora de Belo Horizonte (capital de Minas Gerais, Brasil), datadas de 1893-4, e os relatórios de campo da Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais (Brasil), datados de 1891-1930.

As cadernetas de campo da Comissão Construtora da Nova Capital

- 5 Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, é uma cidade planejada que foi edificada em fins do século XIX, com o advento da República no Brasil. Concebida como um espaço urbano representativo da modernidade, a cidade foi construída em um sítio no qual se implantava um povoado de origem colonial, o Curral del Rei, que foi totalmente demolido. Antes de sua desapareção, foi realizado um cadastro sistemático das áreas urbanas e rurais da povoação, visando o inventário das casas, fazendas e terras que foram desapropriadas para dar lugar aos novos habitantes, espaços e usos da cidade planejada.
- 6 Para a elaboração desse cadastro, que seguia no encalço das turmas de geodestas que implantavam no terreno os marcos físicos da imaginária rede geodésica, a Comissão Construtora colocou em campo uma ampla equipe de topógrafos e engenheiros, que em tempo recorde – pouco menos de um ano – realizaram o levantamento e produziram diversas plantas cadastrais da localidade. Esse processo conjugado de mapeamento geodésico e cadastral resultou na produção de centenas de documentos manuscritos, como as cadernetas de campo, que continham os primeiros registros do trabalho sobre o terreno, conjugando as operações técnicas (cálculos geodésicos, trigonométricos, croquis de alinhamento, nivelamento) ao cadastro geral do povoado e de todo o terreno (traços antrópicos e naturais, toponímia, cultivos).²
- 7 O cadastro urbano tinha um aspecto essencial em comum com as práticas de cadastro mais usuais e tradicionais: inventariar para imprimir valor venal ou fiscal ao objeto identificado e inventariar para intervir sobre o espaço. Para o levantamento da planta cadastral do arraial os engenheiros e condutores percorreram todas as ruas, becos, terrenos e casas do arraial, fábricas e fazendas das redondezas, inspecionando as divisões internas das moradias, a qualidade das construções, os usos e cultivos dos quintais, terrenos e campos.
- 8 Para composição do valor venal de cada propriedade conjugavam-se variáveis de localização, tamanho do terreno e da edificação, materiais empregados e benfeitorias. O cultivo das propriedades ou seu uso comercial eram sempre assinalados. Como mostram as cadernetas de campo, os topógrafos seguiam a técnica da *irradiação* para fazer a trama na qual eram inseridas as casas e terrenos, mas também desenhavam croquis mais livres

e, em ambos os registros, anotavam, a seu juízo, os elementos que comporiam a inventário em curso.

Figura 1



Detalhe de uma caderneta de campo com o levantamento dos lotes e casas, nas quais se observa o registro da existência de cultivo e pomar com a identificação de café, marmellos, bananas, pêssegos e jaboticabas. O documento ainda revela o método de levantamento definido

Museu Histórico Abílio Barreto/MHAB

- 9 As cadernetas de campo eram o instrumento indispensável do trabalho topográfico. Nelas eram inscritas, em colunas de papel quadriculado, as numerações das estacas, as distâncias medidas, os cálculos dos ângulos, o nível dos instrumentos, azimutes e outros dados; essas colunas eram paralelas a croquis dos alinhamentos e anotações de toda a sorte de elementos considerados relevantes para a posterior produção da representação: nomes de ruas e dos proprietários, plantas baixas das edificações, indicação de pontes, muros, casas, cercas, becos, barrancos, benfeitorias etc.
- 10 A observação dos dados contidos nas cadernetas preservadas permite recuperar os passos do mapeamento tanto em relação às técnicas cartográficas utilizadas quanto ao detalhamento da paisagem física e mais especialmente da paisagem humana mapeada. Uma hierarquização dos terrenos cultivados, uma atenção à toponímia local, uma identificação de práticas domésticas como galinheiros, curtumes e fornos: fontes primárias para uma história da vida privada, dos regimes de ocupação urbana, uma micro-história cotidiano a partir desta protocartografia.

Figura 2

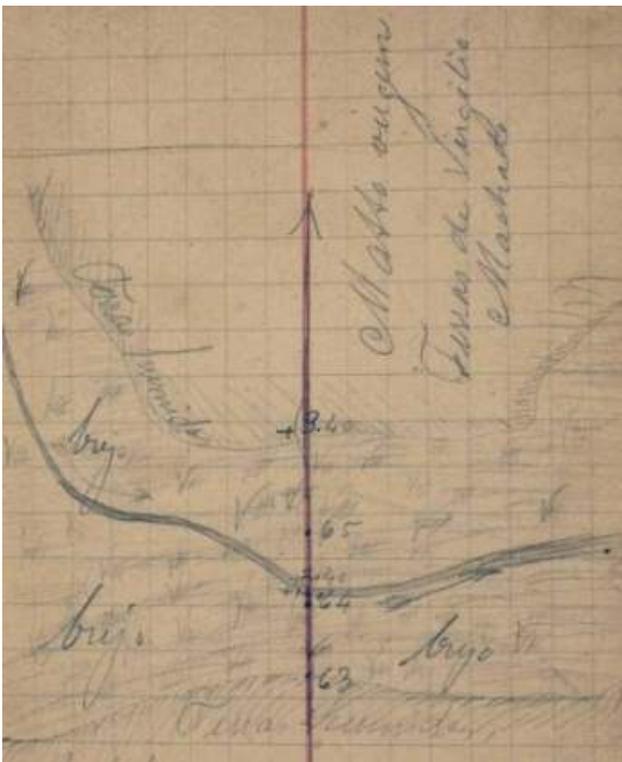
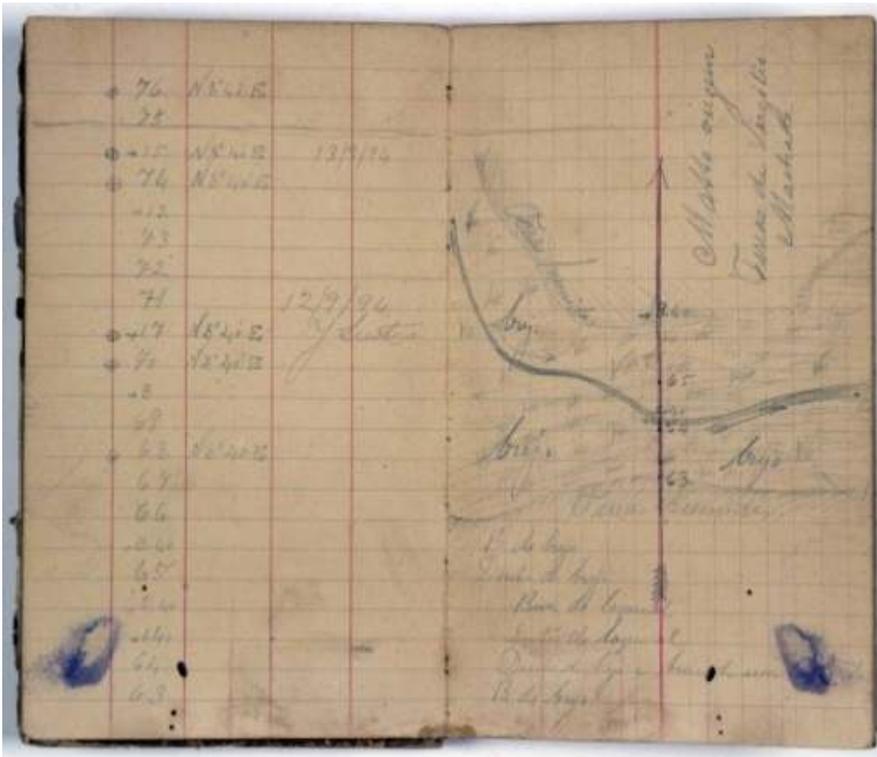
The image shows a page from a field notebook with several columns of handwritten data. The columns are organized into pairs, likely representing measurements and corrections. The rightmost column contains descriptive text and a signature. At the top right, there is a red handwritten number: -36.209. The text on the right side includes 'Passagem natural e humana já palmilhada pelo topógrafo: em um tronco seco de cabuí na roça de feijão do Marciano. 1894.' and a signature that appears to be 'M. A. Castro'.

Caderneta de campo n.1, inaugurando os trabalhos de nivelamento para implantação das linhas de um ramal férreo. Ao lado das colunas com o registro dos dados das visadas, registravam-se os cálculos e suas posteriores correções. Na coluna da direita, a localização da estaca recorre aos dados de uma passagem natural e humana já palmilhada pelo topógrafo: *em um tronco seco de cabuí na roça de feijão do Marciano*. 1894.

MHAB

- 11 As cadernetas de campo constituíam o inventário realizado ao *rés do chão*, o trabalho bruto do topógrafo, antes de toda lapidação do trabalho de gabinete. Embora tivessem a aparência de um rascunho, com esboços muitas vezes rasurados e sujos, as cadernetas continham todo o protocolo da validação de um documento formal, com numeração seriada, títulos, datas, assinaturas e revisões dos respectivos chefes.
- 12 Como inscrições imediatas do trabalho de campo, a autoria desses documentos era a garantia de fidedignidade dos dados que, uma vez processados e transformados em documentos textuais e visuais, perdiam sua função primordial. Em determinadas circunstâncias eram preservados - quando do seu interesse científico para futuras pesquisas, quando da necessidade de conferência de dados em futuros trabalhos - mas o seu destino usual era o descarte.

Figura 3



Caderneta de campo 196. Resultado do caminhamento, com disposição dos dados nas colunas e croquis da região mapeada. Detalhe com figuração e texto descritivos da vegetação e da ocupação humana às margens do rio. 1894.

MHAB

Os relatórios de campo da Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais

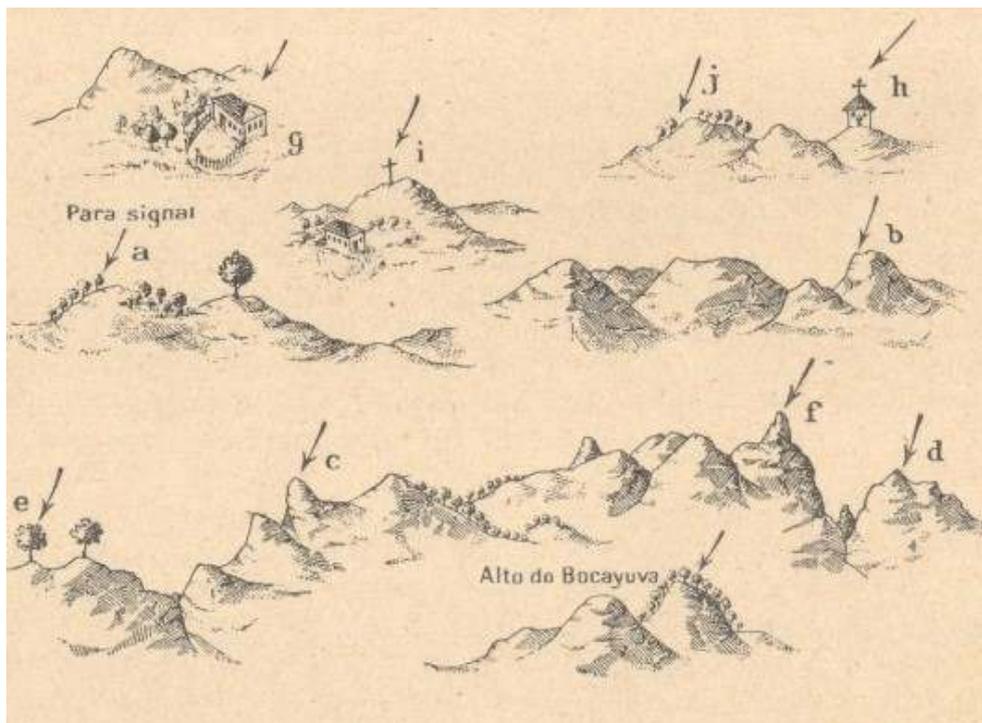
- 13 No mesmo contexto de implantação da República no Brasil e afirmação das identidades regionais formalizadas no pacto federativo, foi criada, em 1890, a Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais. Sua missão essencial, promover o mapeamento topográfico sistemático do estado, foi interrompida por um longo período (1898-1920), e retomada na década de 1920, o que não significou mudança significativa nas suas práticas de campo e nos procedimentos técnicos. Neste sentido, seus produtos, sejam os mapas impressos sejam os documentos oriundos do trabalho de campo, como croquis e relatórios, guardaram grande homogeneidade e permitem uma leitura relativamente coesa do conjunto.
- 14 Formada em sua maior parte por engenheiros, geólogos e topógrafos, a Comissão partiu para sua empreitada gigantesca adotando o método adotado em países europeus, o da triangulação expedita. Ao rejeitar qualquer base ou tradição cartográfica anterior, a Comissão reforçou o entendimento de que os trabalhos de campo eram a atividade seminal dos mapeamentos pretendidos.
- 15 A cada ano, os trabalhos repetiam uma rotina predeterminada e ajustada ao método de mapeamento topográfico. A atividade em campo cobria os seis meses da *estação seca*, entre abril e setembro, e consistia numa frente de trabalho que avançava com a definição dos vértices, a medição dos ângulos e a extensão da chamada triangulada, seguida pelos trabalhos de topografia, os chamados caminhamentos, mais lentos e detalhados. A rede trigonométrica era tecida pelo conjunto dos técnicos, pois enquanto os trianguladores determinavam e mediam os *triângulos de primeira ordem*, os topógrafos percorriam a mesma região demarcando os triângulos de segunda e terceira ordem, de forma a gradativamente irem adensando a malha de linhas imaginárias que, reproduzida nos croquis de campo, permitia, pelos cálculos matemáticos, a representação da paisagem sobre o papel.
- 16 Desde esse primeiro momento do mapeamento, já os técnicos se confrontavam com escolhas que deveriam ser feitas sobre quais elementos apreendidos sensorialmente no espaço investigado seriam recortados para compor a paisagem gráfica em fabricação. Isso porque a determinação dos pontos, ou vértices, da triangulação era uma escolha dos trianguladores e topógrafos, que elegiam no terreno aqueles elementos que nela ganhavam destaque, fossem marcos naturais como picos ou cumes de serras, ou culturais, como torres de igrejas, cruzeiros ou mesmo fazendas. A localização dos pontos das trianguladas era fundamental para a posterior representação do relevo, pois então eram medidas as cotas de altitude.

Figura 4



Esboço do horizonte visto do sinal de Santa Rita. Um croqui de campo mostra o giro de observação do topógrafo, que nomeava e hierarquizava os marcos físicos e culturais da paisagem. Boletim, 1894

Figura 5



Croquis de uma caderneta de campo da CGG (1896). Elementos destacados na paisagem para se configurarem como pontos de visada e de amarração da rede de triangulação: fazenda, cruzeiro, capela, árvore ou pico rochoso. Uma eleição que não discriminava a natureza física ou cultural do marco. Silveira

- 17 Em sua longa itinerância, os técnicos terminavam por viver acampados por meses, longe de suas famílias, e seus relatórios técnicos expunham, por vezes, nas justificativas por atrasos no cumprimento de metas, as muitas dificuldades experimentadas na procura por um sítio para o acampamento, na fuga ou morte do animal, nos descaminhos pelas regiões desertas, nos perigos das epidemias. Tratava-se de um *trabalho áspero*, admitia o engenheiro-chefe da Comissão, Augusto Lacerda em 1893.
- 18 O olhar do observador e a medida do instrumento parecem ter sido as duas principais fontes dos dados obtidos em campo, às quais podemos acrescentar uma terceira, menos citada nos relatos e por isso mais difícil de avaliar na sua efetiva importância: as informações colhidas entre as pessoas do lugar, entre os saberes e as memórias locais.
- 19 O desenho da futura folha do mapa geral começava a ser elaborado ainda no campo, o chamado *mapa de campo*, muitas vezes mencionado pelos exploradores. Esse esboço, que trazia rascunhados os principais elementos observados, era confeccionado à noite, na barraca, ou em dias especialmente reservados para isso. O topógrafo Harold Hermeto, em seu relatório de 1923, indicou alguns desses elementos que constavam
- (...) no mapa de campo, por mim confeccionado na barraca, durante os serviços. Neste mesmo “mapa” se acham traçados, embora grosseiramente, os limites municipais, conforme me foram dadas informações pelos presidentes das Câmaras que procurei, e pelo *povo mais entendido do lugar*. (Relatório, 1923: 52-56)
- 20 Todos os frutos das operações de campo, anotadas em inscrições textuais, medidas e croquis, eram traduzidos, já no escritório, em imagens codificadas, reduzidas em escala e padronizadas segundo convenções gerais e escolhas específicas do programa de mapeamento em curso. Com a publicação, impunha-se a finalização do programa: construir uma representação autorizada cientificamente e politicamente, fazer desaparecer da superfície da imagem os traços de sua fabricação, enquadrar o conteúdo nas convenções da linguagem cartográfica e nos protocolos de consulta. Com a finalização e a publicação das folhas, processava-se um divórcio quase definitivo entre o mapa e o mapeamento que o construiu. Um pouco da intencionalidade, da materialidade e da historicidade dos mapas permaneceu, entretanto, na produção textual das comissões e de seus técnicos.
- 21 Uma modalidade de registro textual produzida pela CGG foram os relatórios técnicos oficiais, redigidos sistematicamente por todos os técnicos que realizavam as operações de campo. Os relatórios eram produzidos anualmente e constituíram a única série de documentos textuais do programa de mapeamento que teve lastro e continuidade, a despeito da interrupção dos trabalhos por mais de vinte anos. Mas enquanto nos anos 1890 os relatórios individuais dos técnicos eram condensados nos relatórios do engenheiro-chefe e todo o conjunto era publicado, nos anos vinte nenhum dos relatórios chegou a ser publicado.
- 22 A despeito dessa diferença fundamental no destino das produções da primeira e da segunda fase, enquanto estrutura formal os relatórios eram todos muito semelhantes: uma apresentação inicial dos resultados das campanhas de campo (identificação da região mapeada, quilometragem percorrida, avanços da triangulação ou dos caminhamentos da topografia, procedimentos técnicos com os instrumentos), seguida por uma descrição dos aspectos geográficos e econômicos da região (hidrografia, orografia, condições urbanas, estradas, indústrias, principais cultivos, pecuária etc). Essas pequenas corografias regionais constituíam verdadeiros diagnósticos dos territórios mapeados, apesar de fragmentados e desiguais, pois variavam substancialmente em função da capacidade de observação e senso crítico de cada técnico.

- 23 Os relatórios não eram produtos formalmente acabados, como os artigos e boletins publicados, pois situavam-se a meio caminho entre a elaboração de um *futuro quadro geográfico do estado* e a prestação de contas, muitas vezes rotineira e burocrática, das atividades exercidas no cotidiano do trabalho de campo. A historiadora francesa Isabelle Surun (2003) introduziu a idéia de que a escrita da experiência do trabalho de campo era como que uma tradução em linguagem científica dos fatos observados no terreno, procedimento filiado a toda uma tradição de narrativas de viagens e de explorações de campo que remontavam ao século XVIII e que considerava o ato de descrição textual dos espaços como uma parte tão importante da sua configuração como a sua tradução gráfica, da qual resultava a produção dos mapas.
- 24 Nesse sentido, guardadas as proporções e escalas, nossos topógrafos e trianguladores, ao reconstruir seus percursos na escala do terreno e as modalidades de interação que praticavam com o espaço geográfico e o elemento humano que o habitava, conferiam à sua experiência de campo e ao saber ali fabricado uma materialidade e uma subjetividade que a imagem cartográfica terminava por obscurecer.

Considerações finais: renovação historiográfica e os destinos diferentes na preservação dos documentos

- 25 Ásperos, grosseiros, rústicos, provisórios, inacabados... Os qualificativos recorrentes que acompanham muitas vezes os documentos aqui tratados ajudam a entender a fragilidade dos mesmos quando pensamos em sua preservação ao longo do tempo. Uma vez fabricado o mapa, uma vez encerrada a operação de mapeamento, a investigação do território ou a construção de uma cidade, esses documentos tornavam-se residuais, descartáveis. Sua preservação, uma vez perdido o elo com o mundo, passava a ser uma probabilidade remota.
- 26 Em determinadas áreas do conhecimento, os chamados *raw materials of science*, são mais valorizados e conseqüentemente preservados, como nos arquivos privados de cientistas e viajantes ou nas grandes coleções de surveys abrigadas em bibliotecas ou museus de ciências e história natural.³ A valorização desses testemunhos do trabalho de campo é relativamente recente, e acompanhou a emergência da própria noção de *terrain (field, campo)* na história das ciências, em contraponto ao tradicional paradigma do laboratório ou do gabinete como *locus* por excelência da produção científica. Como mostra Surun (2006), o preconceito com as atividades de campo decorria da ideia de que tais práticas eram muito híbridas, contaminadas pelo contato direto com o objeto, impregnadas de cotidiano e de percepção afetiva. Mas são exatamente essas características que asseguram interesse às ciências do campo, como apontou Gaëlle Hallair, em estudo sobre os *carnets de terrain* do geógrafo francês De Martonne,
- As cadernetas de notas e de croquis constituem (...) uma fonte insubstituível para a compreensão das práticas de campo, sejam elas individuais ou em grupo. Revelando o primeiro contato com a zona a ser estudada, as cadernetas reenviam a um momento da pesquisa que se distingue do momento da restituição dos resultados sobre a forma de obras e artigos impressos. (Hallair, 2013: 12)
- 27 No entanto, mesmo quando produzidos coletivamente, esses documentos originados diretamente do trabalho de campo, possuem uma carga de subjetividade e de juízo imediato na observação do mundo que os situa quase sempre na categoria dos documentos privados, submentendo-os a outra ameaça: a do descarte promovido pelo(s) seu(s) próprio(s) produtor(es).

- 28 As trajetórias dos dois acervos aqui apresentados ilustram significativamente o caráter contingencial por vezes aleatório que cerca a preservação ou o desaparecimento dessas tipologias documentais pouco conhecidas, utilizadas e valorizadas.
- 29 No caso da Comissão Construtora de Belo Horizonte, o acervo foi em grande parte preservado por duas razões distintas: de um lado, o interesse da própria Comissão em construir uma memória e uma propaganda do grande êxito que foi a construção da capital Belo Horizonte; de outro lado, como a cidade foi inaugurada ainda em construção, não cessou a demanda por obras e serviços que passaram a ser promovidos pelo governo municipal, valendo-se da documentação produzida pela própria Comissão, embora extinta.
- 30 A herança da Comissão Construtora, hoje preservada em três instituições diferentes, mas articuladas em um banco de dados comum, reúne uma rica e diversificada documentação, entre cadernetas de campo, mapas, plantas, fotos, publicações, relatórios técnicos, registros administrativos, jurídicos e contábeis. Devido ao seu grande valor, foi reconhecida como patrimônio documental da humanidade, integrando o programa Memória do Mundo, da UNESCO.
- 31 Já os documentos da Comissão Geográfica e Geológica sofreram um destino diverso, pois a publicação dos mapas era fator de abandono dos registros dos trabalhos de campo. Até o início dos anos 2000, quando consultamos a documentação, uma boa parte dos relatórios manuscritos dos topógrafos e uma pequena soma de croquis de campo encontravam-se armazenados precariamente na agência governamental de cartografia do estado. Sua preservação devia-se exclusivamente ao interesse e sensibilidade pessoal de um antigo funcionário da instituição, cartógrafo de formação e já aposentado. Depois disso o órgão sofreu diversas mudanças, inclusive físicas, e esse acervo encontra-se hoje inacessível, suscitando dúvidas quanto à sua integridade ou mesmo existência. Sua possível localização e preservação permanece ainda como um desafio, uma incógnita e uma esperança.
-

BIBLIOGRAFIA

GOMES, Maria do Carmo Andrade (2015). “Mapas e mapeamentos: políticas cartográficas em Minas Gerais (1890-1930)”. São Paulo, Annablume.

HALLAIR, Gaëlle (2013). “*Les carnets de terrain du géographe français Emmanuel de Martonne (1873-1955): méthode géographique, circulation des savoirs et processus de visualisation*”. Belgeo, 2.

SURUN, Isabelle (2003). “*Géographies de l’exploration; la carte, le terrain et le texte (Afrique occidentale 1780-1880)*”. Paris, Thèse (Doctorat en Histoire), École des Hautes Études en Sciences Sociales.

_____. (2006). “*Du texte au terrain: reconstituer les pratiques des voyageurs (Afrique occidentale, 1790-1880)*”. Sociétés & Représentations, vol 1 n 21, pp. 213-223.

Fontes documentais

BOLETIM, Rio de Janeiro, Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais, n.1, 1984. Instituto de Geociências Aplicadas. Setor de Limites. Documentação da Geográfica e Geológica de Minas Gerais.

RELATÓRIO apresentado pelo engenheiro chefe da Comissão ao senhor Secretário da Agricultura, Indústria, Viação e Obras Públicas; exercício de 1923.

SILVEIRA, Álvaro da (1927). *Topografia*. São Paulo: Melhoramentos.

NOTAS

1. Ciente de que o termo cartografia é relativamente recente em relação à atividade de mapeamento, estou usando a categoria cartógrafo em sentido genérico, para abarcar todas as modalidades históricas de profissionais que atuaram/ atuam no campo na produção de mapas.
2. Dentre as séries documentais preservadas, destacamos as mais de 500 cadernetas de campo que se encontram hoje sob a guarda do Museu Histórico Abílio Barreto (Belo Horizonte).
3. Ver a propósito: *The field book Project*. Acessado em: [http://www.mnh.si.edu/rc/fieldbooks/Interpreting the collections](http://www.mnh.si.edu/rc/fieldbooks/Interpreting%20the%20collections). The raw materials of science: field books. Acessado em: <https://www.collectionscanada.gc.ca/logan/021014-2320-e.html>

RESUMOS

A partir da análise de dois conjuntos documentais preservados pretende-se discutir o potencial investigativo contido nos relatos, esboços e relatórios produzidos por cartógrafos, engenheiros e topógrafos em suas atividades cotidianas no trabalho de campo. Considerando uma nova historiografia que passa a valorizar tais testemunhos construídos nas práticas imediatas do fazer técnico em contato direto com o objeto a ser observado, medido e descrito no campo para ser posteriormente representado e difundido, busca-se apontar para a necessidade de valorização desses registros e, conseqüentemente, sobre a necessidade de sua preservação. Nos dois casos aqui apresentados, as trajetórias contrastivas de cada documentação podem contribuir nessa reflexão.

Based on the analysis of two preserved documentary backgrounds, we aim to discuss the research potential of these materials: stories, sketches, field notebooks made by cartographers, engineers and surveyors during fieldwork. According to a new historiography of sciences that emphasizes the importance of this type of document built around the practices of the technical work done in the field, in direct contact with the object observed, measured and described, and then represented and diffused, it is crucial to emphasize the importance of these inscriptions and, therefore, of their preservation. In the two cases presented, the compared trajectories could contribute to improve preservation policies.

A partir del análisis de dos fondos documentales preservados se pretende discutir el potencial que tienen para la investigación esos materiales: relatos, croquis, cuadernos de campo realizados por cartógrafos, ingenieros y topógrafos durante el trabajo de campo. Según una nueva historiografía de las ciencias que subraya la importancia de este tipo de testimonios construidos

en torno a las prácticas del trabajo técnico realizado en el terreno, en contacto directo con el objeto observado, medido y descrito, y luego representado y difundido, se trata de resaltar la importancia de estas inscripciones y, por tanto, de su conservación. En los dos casos presentados, las trayectorias contrastadas de cada documentación pueden contribuir a mejorar las políticas de conservación.

De l'analyse de deux corpus documentaires préservés, on prend le débat sur le potentiel de recherche qui sont contenus dans les récits, les croquis et les carnets du terrain, produits par les cartographes, les ingénieurs et le topographes pendant leurs activités cotidiennes. Selon une nouvelle historiographie des sciences que souligne l'importance de ces témoins construits autour des pratiques du travail technique sur le terrain, en contact direct avec l'objet observé, mesuré et décrit au terrain, et en suite représenté et diffusé, il s'agit de souligner l'importance de ces inscriptions et par conséquent de leur conservation. Dans les deux cas présentés, les trajectoires contrastées de chaque documentation peuvent contribuer à améliorer les politiques de préservation.

ÍNDICE

Keywords: cartography, field work, documents' preservation

Palavras-chave: mapeamento, trabalho de campo, preservação documental

Índice cronológico: 1890-1930

Palabras claves: cartografía, trabajo de campo, preservación de documentos

Mots-clés: cartographie, travail sur le terrain, préservation des documents

Índice geográfico: Brasil, Minas Gerais

AUTOR

MARIA DO CARMO ANDRADE GOMES

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora da Fundação João Pinheiro (Belo Horizonte, Brasil).